



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
PRÓ-REITORIA DE ENSINO TÉCNICO, MÉDIO E EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO:
PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INTERDISCIPLINARES

MARIA DA CONCEIÇÃO ARAÚJO DE SOUSA

LEITURA E ESCRITA NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM

MONTEIRO – PB

MARIA DA CONCEIÇÃO ARAÚJO DE SOUSA

LEITURA E ESCRITA NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em *Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares*, da Universidade Estadual da Paraíba, em parceria com a Secretaria de Estado da Educação da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista.

Orientadora: Professora Dra. Cristiane Agnes
Stolet Correia.

MONTEIRO – PB

2014

S725I Sousa, Maria da Conceição Araújo de
Leitura e escrita no processo de ensino-aprendizagem
[manuscrito] : / Maria da Conceição Araújo de Sousa. - 2014.
34 p.

Digitado.

Monografia (Especialização em Fundamentos da Educação:
Práticas Ped. Interdisciplinares) - Universidade Estadual da
Paraíba, Pró-Reitoria de Ensino Médio, Técnico e Educação à
Distância, 2014.

"Orientação: Profa. Dra. Cristiane Agnes Stolet Correia,
Departamento de CCHE".

1.Leitura 2. escrita 3. Conhecimento prévio. I. Título.

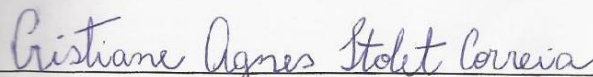
21. ed. CDD 372.4

Mariana da Conceição Araújo de Sousa

Leitura e escrita no processo de ensino-aprendizagem

Aprovada em 19 / 07 / 2014

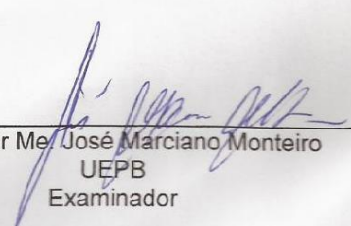
Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares, da Universidade Estadual da Paraíba, em parceria com a Secretaria de Estado da Educação da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista.



Professora Dra. Cristiane Agnes Stolet Correia.
UEPB
Orientadora



Professor Dr. José Joelson Pimentel de Almeida
UEPB
Examinador


Professor Me. José Marciano Monteiro
UEPB
Examinador

Dedico este trabalho a minha família e especialmente aos meus filhos:

Epídio, Katarina e Marlene.

Agradecimentos

Em primeiro lugar, a Deus por iluminar minha mente com relação ao que fazer e escrever. Deus foi fiel, obrigada, Senhor.

À Universidade Estadual da Paraíba.

À minha família, em especial ao meu esposo e meus filhos.

Às minhas colegas do curso de especialização que estiveram ao meu lado me apoiando para que chegássemos até aqui e vencedoras.

À minha orientadora, Cristiane, que muito contribuiu para a realização deste belo trabalho, sempre acreditando em mim e no que eu escrevia e falava.

Aos professores da Universidade Estadual da Paraíba - Campus de Monteiro que também contribuíram para a realização desta especialização.

Ao Professor Joelson, diretor da instituição que muito contribuiu com sua atenção.

RESUMO

Infelizmente a leitura e a escrita ainda representam a principal causa do fracasso da educação brasileira. Nós, professores, temos a grande responsabilidade de cada vez mais procurarmos meios que norteiam nossos alunos a lerem e escreverem mais e melhor, pois nossa sociedade precisa de leitores capacitados para compreenderem o mundo atual e saberem interpretar em todo contexto social. O meu objetivo na monografia foi focar e analisar a fundamental importância da leitura e escrita no ensino fundamental das séries iniciais, trabalhando com vários gêneros textuais, com literatura infantil e outros. Busquei com esta monografia mostrar possibilidades para aprimoramento do trabalho em sala de aula, levando em consideração o conhecimento da criança para contextualizá-lo ao ensino/aprendizagem de leitura e produção textual. Esse processo não tem prazo determinado, ele deve ser ponto de partida para todas as atividades planejadas na escola. Nessa concepção, pretendo formar bons leitores e escritores, conscientes de que a leitura acontece brincando, ouvindo o outro, imaginando, fantasiando, desenhando, cantando e outras situações, isso depende apenas do planejamento das aulas de leitura. Como marco teórico, inspirei-me principalmente nos estudos e leituras de Freire, Bakhtin, João Wanderley Marcuschi, Magda Soares e Marcos Bagno. Assim, aponto na monografia uma compreensão mais ampla do que é leitura, bem como mostro a diferença entre alfabetização e letramento, que devem ser ensinados juntos. Em seguida, mostro como é importante a seleção dos textos para trabalho em sala de aula, levando em consideração assuntos, autores, tipos de textos e gêneros textuais. É imprescindível que a atividade de leitura seja prazerosa. Para que isso se torne possível, é fundamental o planejamento da aula, considerando sempre o universo do educando. A atuação do professor deve ser a de um mediador/orientador, o aluno deve ser o construtor do próprio saber. Entendendo a arte como uma grande aliada na formação do ser humano, optei por focar meu olhar na possibilidade de trabalhar com literatura infantil em sala de aula. Assim, aponto alguns caminhos inspiradores para propostas pedagógicas. Unindo minha experiência como educadora às leituras realizadas para a presente pesquisa, sinto-me mais consciente e segura para o trabalho em sala de aula.

Palavras-chave: Leitura, escrita, conhecimento prévio, aprendizagem.

RESUMEN

Infelizmente la lectura y la escrita aún representan la principal causa del fracaso de la educación brasileña. Nosotros, profesores, tenemos la gran responsabilidad de cada vez más buscar medios que nos permitan a nuestros alumnos a leer y escribir más y mejor, pues nuestra sociedad necesita lectores capacitados para comprender el mundo actual y saber interpretar en todo contexto social. Mi objetivo en la monografía fue enfocar y analizar la fundamental importancia de la lectura y escrita en la Enseñanza Básica, trabajando con varios géneros textuales, con literatura infantil y otros. Busqué con esta monografía mostrar posibilidades para perfeccionamiento del trabajo en aula, considerando el conocimiento del niño para contextualizarlo a la enseñanza/aprendizaje de lectura y producción textual. Ese proceso no tiene plazo determinado, él debe ser punto de partida para todas las actividades planeadas en la escuela. De este modo pretendo formar buenos lectores y escritores, conscientes de que la lectura se hace jugando, oyendo al otro, imaginando, dibujando, cantando, etcétera, eso depende del planeamiento de las clases de lectura. Como marco teórico, me inspiré principalmente en los estudios de Freire, Bakhtin, João Wanderley Marcuschi, Magda Soares y Marcos Bagno. Presento en la monografía una comprensión más amplia de lo que es lectura. Enseguida, muestro como es importante la selección de los textos para trabajo en aula, considerando asuntos, autores, tipos de textos y géneros textuales. Es imprescindible que la actividad de lectura sea agradable. Para que eso sea posible, es fundamental el planeamiento de la clase, considerando siempre el universo del educando. La actuación del profesor debe ser la de un mediador/orientador, el alumno debe ser el constructor del propio saber. Entendiendo el arte como una gran aliada en la formación del ser humano, elegí enfocar mi mirada en la posibilidad de trabajar con literatura infantil en aula. De ese modo señalo algunos caminos inspiradores para propuestas pedagógicas. Uniendo mi experiencia como educadora a las lecturas realizadas para la presente pesquisa, me siento más consciente y segura para el trabajo en aula.

Palabras-clave: Lectura, escrita, conocimiento previo, aprendizaje.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	10
2. CONSIDERAÇÕES INICIAIS SOBRE O PROCESSO DE LEITURA.....	12
2.1 O diagnóstico.....	12
2.2 Algumas considerações sobre a leitura e algumas implicações pedagógicas.....	13
2.3 Alfabetização e Letramento.....	17
2.4 Oralidade e Letramento	18
2.5 O elo entre leitura, escrita e vida na proposta didática.....	19
2.6 Tipos de leituras.....	21
2.6.1 – A leitura sensorial	21
2.6.2 – A leitura emocional	22
2.6.3 – A leitura intelectual	22
2.6.4 – A leitura racional	23
3. LER E ESCREVER: UMA PROPOSTA PEDAGÓGICA NECESSÁRIA	24
3.1 A arte de contar histórias	24
3.2 Propostas de leitura e produção textual em sala de aula.....	25
3.2.1 – Considerações gerais	26
3.2.2 – O enfoque por gêneros discursivos.....	28
3.2.3 – O gênero poesia infantil e sua diversidade	29
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
5. REFERÊNCIAS	34

1. INTRODUÇÃO

O processo de escrever uma monografia é, sem dúvida, uma tarefa bastante complexa, para mim foi também difícil, até escolher meu tema de pesquisa para o trabalho final do curso e pós-graduação, para que me situasse numa temática que despertasse curiosidade, motivação, visto que eu queria que fosse algo de tivesse a ver com minha prática docente.

Fazendo uma reflexão sobre alfabetização nas primeiras séries do ensino fundamental que, enquanto professora, já tenho experiências de ensinar essas fases, percebi que são muitas as dificuldades no processo de ensino/aprendizagem, de leitura e produção textual que mais me fascina e me traz indagação é o processo de iniciação no mundo das letras e tenho muita curiosidade em conhecer os diferentes métodos pelos quais se ensina a criança a ler e a escrever, que é a base de toda a educação do sujeito. Descobri que este era o tema que me despertava mais interesse, para eu fazer um trabalho de pesquisa para monografia de conclusão da pós-graduação.

Atualmente, um dos maiores desafios que os professores enfrentam é encontrar estratégias para conduzir as aulas de leitura e produção textual nas suas práticas pedagógicas. Fala-se muito em literatura para crianças, porém, nós, professores, precisamos refletir e analisar esse ponto, também é fundamental observar o acervo da biblioteca, o espaço físico, os autores literários disponíveis, os textos que levamos para sala de aula, tudo isso deve ser pensado e planejado de acordo com as competências dos educandos. Enfim, os professores encontram estratégias para melhorar o ensino/aprendizagem quando planejam pensando nas necessidades decisivas para a formação dos educandos enquanto cidadãos e hoje o foco da educação constata-se na leitura e produção de textos diversificados.

Pode-se dizer que a leitura e a escrita têm um papel relevante na vida do educando. Entretanto, a formação de bons leitores e escritores precisa ser um compromisso de todas as instituições de ensino, em especial para os educadores. Na minha prática pedagógica, reforço a necessidade de meu empenho com mais dedicação no que diz respeito ao planejamento das atividades para as aulas de leitura e produção, já que a leitura e a escrita são os principais pontos que norteiam a formação dos seres humanos na sociedade atual. Então, como se trata de uma prática social complexa, difícil de ensinar, se a escola pretende converter a leitura em objeto de aprendizagem, deve preservar sua natureza e sua complexidade, sem descaracterizá-la.

O educador, fazendo uma mediação entre ler e escrever, com certeza vai conseguir resultados positivos no desempenho de seu trabalho e em especial contribuirá com a melhoria do processo ensino/aprendizagem dos educandos. É nesta direção que me aventuro com a presente monografia.

2. CONSIDERAÇÕES INICIAIS SOBRE O PROCESSO DE LEITURA

Algumas avaliações – nacionais e internacionais – mostram o número significativo de alunos matriculados no Ensino Fundamental que não compreende o que lê, demonstrando muita dificuldade no processo de interpretação e, conseqüentemente, sem um desenvolvimento de sua capacidade dedutiva, reflexiva e crítica a partir do textual escrito. Sabemos que a leitura de mundo é anterior à leitura da palavra, mas, sendo a escrita parte de nossa cultura e perfazendo nosso cotidiano, é fundamental que o aluno possa desenvolver sua competência leitora na escola e assim viver efetivamente o que podemos chamar de *aprender para ler e ler para aprender*.

A preocupação com a dedicação de leitura do povo está literalmente relacionada com a certeza de que a qualidade de vida do cidadão na sociedade atual depende o domínio dessa competência. Nessa linha, pode-se afirmar que a leitura é considerada uma possibilidade necessária para a apropriação do conhecimento nas diversas áreas do saber. Por isso, é fundamental propor desde o início do processo escolar um planejamento que parta do enfoque na leitura, no papel ativo do leitor. Partindo de nossas reflexões nos planejamentos didáticos sobre o trabalho desenvolvido com os alunos no Ensino Fundamental, percebemos que ler e escrever devem ser o fundamento do Projeto Político Pedagógico.

O objetivo do projeto didático de leitura nas séries iniciais do Ensino Fundamental é despertar no aluno o leitor que ele é e ainda não descobriu, para isso, é necessário se mostrar que é através da leitura que outras culturas são descobertas e conhecidas, outros mundos, tudo isso pode gerar o prazer pela leitura, em diálogo com o presente próximo ou com sonhos distantes, adormecidos.

2.1. O diagnóstico

A dimensão da gravidade da situação é percebida quando observamos que as capacidades reveladas por aqueles que cursam a quarta série estão nos níveis críticos quase indicam analfabetismo.

O censo escolar é o principal e mais completo levantamento de dados estatísticos – educacional de âmbito nacional realizado todos os anos e coordenado pelo INEP. As informações coletadas permitem traçar um panorama nacional da Educação Básica, referência para a formulação de políticas públicas e execução de programas na área de educação. A

prova Brasil, também chamada de Avaliação Nacional de Rendimento Escolar, começou ser aplicada no país a partir de 2005. A cada dois anos os alunos são submetidos a uma prova de Língua Portuguesa e Matemática. Os objetivos dessa avaliação são semelhantes aos SAEB no que diz respeito à promoção de melhores padrões de qualidade da Educação do país. São duas as diferenças entre SAEB e a Prova Brasil: a primeira é apenas uma amostra, ou seja, apenas uns conjuntos de alunos fazem; a segunda: é o contrário, é realizada por todos os alunos brasileiros. As sucessivas aplicações dessa provas vêm mostrando que o desempenho em leitura dos alunos brasileiros é bastante fraco, por isso, o índice do IDEB sempre está apresentando a queda do ensino brasileiro.

Em vista dos resultados do ensino e da aprendizagem constatados fracos em consequência dos alunos não terem competência para ler e interpretar implicitamente e explicitamente as leituras na sala de aula, os professores precisam de apoio pedagógico e suportes que os direcionem a encontrarem meios para desenvolverem habilidades que despertem o hábito da leitura. Neste sentido, a oportunidade de realizar este curso de Especialização contribuiu nesta direção. A ocasião para escrever esta monografia permitiu que eu buscasse apoio teórico para pensar as questões inquietantes que vivo na minha prática docente há muito tempo.

Com relação aos dados do ensino/aprendizagem que permitem defini-lo como fraco, atrevo-me a dizer que esse resultado é consequência principalmente do não hábito de ler.

Acreditamos então que a prática da leitura é essencial para que o leitor se aprimore. Desde cedo, temos que incitar nas crianças a curiosidade, o questionamento e, como educadores, fornecer meios para que elas prossigam dando vazão à curiosidade (que leva à busca pelo conhecimento) e aos questionamentos, ou seja, devemos possibilitar e incentivar que atuem ativamente na construção do próprio conhecimento. E isto sempre, também no processo de alfabetização. Convém, portanto, para se entender melhor esta abertura necessária ao processo de ensino-aprendizagem, pensar o que se entende por leitura, pelo ato de ler.

2.2. Algumas considerações sobre a leitura e algumas implicações pedagógicas

De acordo com Paulo Freire (1984, p. 12-13), “a boa leitura faz um bom leitor, ou seja, a boa leitura leva o ser humano a fazer questionamentos, indagações, discussões, enfim, favorece ao leitor ampliar os conhecimentos prévios a respeito do tema em pauta”.

Paulo Freire dizia que, antes mesmo de se ler uma palavra, mesmo uma criança que ainda não faz leitura das palavras escritas, já tem um conhecimento prévio da palavra adquirido na sua vivência, isto é, na vivência do aluno, a visão de mundo que ele traz consigo não pode ser desconsiderada, porque é a partir destes conhecimentos que o educador pode formar bons leitores, construindo conceitos e significados sem desconstruir o que eles trazem de suas vivências, pois à proporção que a leitura é feita com níveis diferentes, a visão de mundo ganha novos significados.

Hoje o excesso de informações que se vincula pelos meios de comunicação não contribui para uma leitura atenta e crítica. A aceleração dos acessos às informações e a simultaneidade de muitas coisas que nos chegam dificultam que consigamos realizar uma leitura própria. A questão, entretanto, é antiga. Mesmo antes da rapidez fornecida pela tecnologia, tendia-se a buscar leituras rápidas simplesmente com o intuito de captar a mensagem, todavia ler bem é muito mais que entender uma possível mensagem. É como Paulo Freire diz, “entender o espírito do texto é como entender uma piada” (*apud* SILVA, 1991, p. 17). A piada só é entendida quando é bem interpretada. Para entender uma piada, um texto qualquer, é preciso ter conhecimento do problema que está em volta, do meio social, isso é saber interpretar.

A leitura é de fundamental importância na vida e no ensino/aprendizagem do ser humano. Ela traz conhecimento e o universo lúdico livre, que permite o jogo e a brincadeira com as palavras, com a língua em si.

Na nossa prática pedagógica, observamos com bastante frequência o não interesse pela leitura por parte das crianças, mas não podemos dizer que elas sejam as culpadas de tal desinteresse. Se na criança vigora a curiosidade, o espírito investigativo, a vontade de descobrir o novo, o que vem acontecendo que a leitura não instiga?

A visão de leitura e escrita para muitos pais e até mesmo professores é a de que esta seja uma atividade mecânica, em que a criança é levada a escrever as letras, juntá-las e formar palavras. Com isso, a criança está alfabetizada, porém, não letrada, porque ela apenas codificou, reconheceu o que estava escrito. A leitura requer outras habilidades, mecanismos para ajudar aos sujeitos a compreender e entender a palavra em todo contexto social. Para isso acontecer é necessário que os pais e professores fiquem atentos para interagir, inferir no momento em que estiver acontecendo o ato da leitura.

Se uma criança chega à escola associando diversos assuntos é porque já conhece o ato da leitura. Todos os pais deveriam incentivar seus filhos para lerem, fazendo leitura, contando histórias, brincando, pois tudo isso ajuda muito quando a criança entrar na escola a

compreender a importância da leitura. A leitura do mundo é muito importante para a leitura da palavra, esta não pode ser apenas codificada, ler simplesmente o que está escrito, mas decodificá-la nos vários contextos em que estiver inserida. Daí a importância de o professor instigar o conhecimento internalizado que aquela criança tem sobre determinada leitura de palavras.

A leitura deve ser um ato pensado como processo de construção do ser humano. Por isso, no dia-a-dia do educador na sala de aula, o uso de estratégias que incentivem e estimulem as crianças a falarem o que entendem e compreenderem o que leem ou escutarem a leitura da professora provocará vontade de conhecerem leituras diversas. A leitura de um texto só pode ser considerada leitura quando esta for discutida, debatida, relacionada a fatos vivenciados, enfim, familiarizada com as realidades das crianças na sala de aula, porque um texto não se resume a um emaranhado de palavras desconexas, nem tampouco a um amontoado de frases. Ele pode se constituir por apenas uma palavra, mas permite que o leitor perceba sentido nele contido.

Embora a leitura de um texto seja um ato individual em que o ser humano constrói significados, é necessário que nós, professores, estejamos sempre preparados para as perguntas que poderão surgir após a leitura, durante a aula.

Percebemos como é importante a seleção de textos para serem lidos na sala de aula. A escolha do material deve considerar o universo do aluno: o momento em que se encontra, seus interesses, o nível da linguagem. Não teria sentido trazer um texto filosófico, como de Platão ou de Aristóteles, por exemplo, para as séries iniciais do Ensino Fundamental. É importante que se trabalhe também com textos que sejam vinculados no contexto social em que o aluno se encontra, considerando os mais diversos gêneros, como matérias de revistas e/ou jornais, bula de remédios, receitas de culinárias, anúncios publicitários, etc. Assim, aguça-se a vontade de ler e se tem a possibilidade de desenvolver a interpretação e a criticidade do aluno. Portanto, uma leitura “perfeita” é aquela em que o ser humano absorva que a palavra, o texto é decodificado de acordo com o contexto em que está inserido e possa fazer parte de toda sua vida no contexto social.

A relação de uma criança com outra conduz à construção de conhecimentos que contribuem para o desenvolvimento humano intelectual. Assim, a socialização infantil também deve ser estimulada durante o processo de aprendizagem e desenvolvimento da habilidade leitora.

O ato de reconhecer letras e sílabas que constituem as palavras não determina que a criança seja um bom leitor porque isso se dá através de um processo automático. “O ato de ler

não se esgota na decodificação pura da palavra escrita, mas se antecipa e se alonga na inteligência do mundo” (FREIRE, 1984, p.11). A partir dessa afirmação, podemos dizer que a bagagem que o leitor traz é de fundamental importância para a formação dos sentidos do texto. Considerando que a bagagem de cada um se constrói socialmente, ou seja, é algo cultural e histórico, percebemos o caráter não só psicológico, mas também histórico e filosófico do ato de leitura.

De acordo com Lajolo, “professor precisa gostar de ler, precisa ler muito e envolver-se com o que lê” (1993, p.108). É de grande importância que o professor goste de ler, envolva-se com a leitura, pois assim há mais probabilidade de o aluno também se envolver. Sabemos que nós, professores, somos, muitas vezes, exemplos para nossos alunos (e até para a sociedade), portanto, nossa conduta deve ser cautelosa e o que fazemos pode funcionar como espelho. Assim, sermos bons leitores é o início para um bom trabalho em sala de aula. Afinal, só se pode ensinar o que se sabe, compartilhar o que se tem.

Ser leitor é querer saber o que se passa na cabeça do outro, para compreender melhor o que se passa na nossa. Essa atitude, no entanto, implica a possibilidade de distanciar-se do fato, para ter dele uma visão de cima, evidenciando de um aumento do poder sobre o mundo e sobre si por meio desse esforço teórico. Ao mesmo tempo, implica o sentimento de pertencer a uma comunidade de preocupações, mais que um destinatário, nos faz interlocutor daquilo que o autor produziu (FOUCAMBERT, 1994, p.30).

O fato de a criança compartilhar as leituras com outras pessoas em casa mostra a concepção construída de que a linguagem escrita é uma atividade de caráter social que se faz para/com outro (BAKHTIN, 1999, p.58). De acordo com Bakhtin, a palavra é de natureza psíquica e ideológica, ou seja, para se compreender o significado de uma palavra exteriormente e interiormente, é necessário compreendê-la no contexto social imediato porque ela se constrói nas naturezas psíquicas, ideológicas e também sociológicas.

Assim sendo, a leitura é considerada como produção de sentidos porque na prática de leitura se discutem os aspectos históricos, culturais e sociais com diferentes modos de leitura, resultantes de muitos fatores como: leitor, objetivos da leitura, experiências, texto, histórias de leitura, autor, escritor, instituições (escola, igreja, família...), gêneros textuais e os suportes (revista, jornal, outdoor, email).

Enfim, todos esses fatores comprovam que o leitor não é totalmente independente para ler o que quiser, como quiser e até mesmo onde quiser. Cabe ao professor planejar na aula de leitura o que a criança vai ler, nesse momento, ele está ensinando que a leitura é

imprescindível no desenvolvimento intelectual do ser, porém com consciência do que lê e para quem lê.

Ler envolve muitos interesses, ouvir, sentir, ver, é uma tarefa que requer envolvimento por parte de quem lê e por parte de quem escuta, quando a leitura é feita compartilhada, percebe-se uma compreensão melhor. Podemos comparar a leitura com a arte de tocar um instrumento musical, pois tem ritmo e melodia, ou seja, ler com clareza exige querer e gostar, para que haja a decodificação do que está implícito e não apenas do que está explícito. A leitura é uma prática criativa e criadora, logo é uma atividade complexa, porém necessária na aprendizagem, porque sendo a leitura um processo e a escrita também, são preocupações do educador e da escola, a continuidade desse processo, isto é, as ações voltadas para ler e escrever não podem parar nas séries iniciais.

Por fim, a leitura é prática criativa e criadora porque o aluno aprendendo a ler e escrever, é capaz de argumentar e conceituar partindo das provocações que a leitura lhe apontou. À medida que os alunos sintam o prazer pela leitura, tornar-se-ão seres capazes de conhecer os significados das palavras no contexto que estão inseridas, bem como farão relação dos textos com a realidade vivida por cada um, no entanto, para a leitura ser prazerosa para o aluno, é necessário os professores fazerem um trabalho de base e conscientização da leitura não apenas como instrumento de estudo, mas como alimento necessário na formação do ser. Daí a importância de se ter a preocupação desde o início do processo escolar de se alfabetizar letrando, como veremos a seguir.

2.3. Alfabetização e Letramento

Antes de se pensar o que vem a ser alfabetizar letrando, é necessário entender a diferença entre alfabetização e letramento. Para tanto, vale transcrever um fragmento de Soares:

Para entrar e viver nesse mundo de conhecimento, o aprendiz necessita de dois passaportes: o domínio da tecnologia da escrita (O sistema alfabético e ortográfico), que se obtêm por meio do processo de alfabetização, e o domínio de competências de uso dessa tecnologia (saber ler e escrever em diferentes situações e contextos), que se obtêm por meio do processo de letramento (SOARES, 2006, p.14).

Percebe-se, portanto, que alfabetizar se relaciona ao processo de codificação e decodificação linguística, ao passo que letrar vai muito além disso, pois considera todo o contexto de enunciação em que os envolvidos no processo estão inseridos. Assim sendo, mesmo antes de aprender a ler, a criança possui um letramento anterior à alfabetização, isso se esta criança estiver inserida num contexto social onde a leitura e a escrita façam parte de seu convívio. Ou seja, quando a criança, mesmo antes de ir à escola, escuta leituras feitas por seus pais, consegue distinguir que há códigos de linguagem e que estes têm significados de acordo com o contexto social, assim dizemos que essa criança não é alfabetizada, mas já é letrada.

Portanto, letramento decorre das práticas sociais que leituras e escritas exigem nos diferentes contextos que envolvem a compreensão e expressão lógica e verbal. Enquanto alfabetização se refere ao desenvolvimento de habilidades da leitura e da escrita, isto é, é o ensino das letras que constituem o alfabeto e as diferentes formas de utilizá-las, ou seja, é por meio do alfabeto (das letras) que poderá haver a comunicação com a sociedade em geral.

Assim, as práticas pedagógicas do professor devem estar voltadas e orientadas para se promover a alfabetização na perspectiva de letramento, afinal, alfabetizar e letrar são diferentes, porém, no objetivo ideal e necessário para o ensino/aprendizagem da criança, o professor não pode e nem deve separá-los. O letramento depende muito da variedade de gêneros textuais escritos que as crianças reconhecem, daí cabe aos professores selecionarem textos diversos de revistas, jornais, livros, notícias, propagandas, bulas de remédios, etc.; para serem lidos e discutidos levando as crianças a construírem diversos significados de acordo com os contextos sociais.

Considerando a oralidade como a primeira experiência de compreensão e produção textual, vale investigar o vínculo entre oralidade e letramento antes de se adentrar na escrita propriamente dita.

2.4. Oralidade e Letramento

A língua falada é aquela a criança aprende primeiro, de maneira espontânea, natural, em suas primeiras relações sociais. Por meio da fala expressamos e construímos a nossa identidade como sujeitos e como membros de determinados grupos sociais. A oralidade diz respeito às práticas sociais que envolvem a fala. A criança sempre está transmitindo oralmente o que escuta dos adultos, os gestos e as expressões faciais sempre ajudam na construção dos sentidos do texto oral. Além disso, há sentidos que só se preenchem com as referências da

situação de produção. Palavras como *hoje, aqui, agora, lá* são exemplos disso: o lugar e o dia dependem diretamente do contexto de produção da fala. Os textos orais podem ser criados coletivamente. Em uma conversa, por exemplo, os interlocutores alternam momentos de fala e reformulam e reveem posições a todo momento.

As práticas de oralidade e letramento determinam o lugar de relevância da oralidade e das práticas do letramento numa sociedade, ou seja, a leitura de algo tem sua importância quando o leitor entende o grau do interlocutor e contexto social em que ele está inserido. Na sociedade atual, tanto oralidade quanto a escrita são imprescindíveis. É necessário que não confundamos seus papéis e seus contextos de uso e, acima de tudo, que não discriminemos os usuários. Colocando esses pontos na nossa prática pedagógica, vivenciamos no dia-a-dia usos de línguas oral e escrita com zelo e cuidados para que não pratiquemos equívocos com relação às atividades de alfabetização e letramento, porque essas não podem ser vistas de forma separadas.

Letramento é o termo usado para se referir à participação do indivíduo nas práticas sociais que envolvem a escrita. Então nas sociedades grafocêntricas (centradas na escrita), mesmo quem não é alfabetizado, apresenta algum grau de letramento, enquanto sociedades ágrafas são aquelas em que não existe registro escrito da língua. Com isso, podemos dizer que letramento não é atividade simplesmente da escola, ele também acontece através de contrato sociais.

Se pensarmos em alfabetização e letramento num processo de aprendizagem separado, estaremos transferindo para a criança que um ou outro tem mais relevância para o aprendizado. Portanto, é importante que façamos uso da linguagem oral dos alunos para que eles entendam que dominar a leitura dos signos não basta, é preciso dominar os sentidos e significados daqueles signos em todo contexto social. Assim, quando estivermos trabalhando com leitura de textos, devemos sempre perguntar para o aluno o que ele entendeu e o que ele pensa sobre aquilo, convidando-o a ser parte ativa no processo de leitura. Somente assim teremos chances de conduzir os alunos rumo a uma alfabetização na perspectiva do letramento.

2.5. O elo entre leitura, escrita e vida na proposta didática

Entende-se que um leitor competente e autônomo deve exercitar habilidades de leitura para desenvolver competências comunicativas essenciais ao exercício de cidadania na sociedade de informação. Para BLOOM (2000, p. 17),

Caso pretenda desenvolver a capacidade de formar opiniões críticas e chegar a avaliações pessoais, o ser humano precisará continuar a ler por iniciativa própria. Como ler (se o faz de maneira proficiente ou não) e o que lê não dependerá inteiramente da vontade do leitor, mas o porquê da leitura deve ser a satisfação de interesses pessoais. [...] Uma das funções da leitura é nos preparar para uma transformação, e a transformação final tem caráter universal.

A competência leitora é um instrumento valioso para o conhecimento do mundo que nos cerca. Não apenas isso, ela pode se constituir também em um poderoso instrumento para o autoconhecimento. Pensando a leitura como necessidade, pode-se sonhar, viajar, imaginar, reescrever, criar porque ela é arte. É importante ressaltar que a leitura torna-se exercício mental quando nos apropriamos dela e sentimos vontade de ler mais, pois é através de leituras diversas, gêneros diferentes, que descobrimos o universo e o conhecimento, além de contribuir para o desenvolvimento crítico.

Assim, na perspectiva da leitura tornar-se um hábito, o próprio aluno pode sugerir ao professor leituras, principalmente aquelas que oportunizam reflexões e análises de si mesmo. E muito mais, quando a leitura foca a realidade vivenciada, conhecimentos prévios, abre espaço para questionamentos que evidenciam o entendimento do que foi lido. Sabe-se que a leitura, estando relacionada ao exercício mental, facilita a cognição de conhecimentos prévios a respeito de qualquer assunto e deixa o leitor seguro para discussões, debates e produção textuais.

Embora a oralidade seja natural, espontânea, necessita também de leitura, que ajudará a entender as regras para se escrever um bom texto, o que é inadequado e inadequado nos diversos gêneros do discurso e nas diferentes situações de uso. Com a prática contínua da leitura crítica, tem-se a base para a competência de produção textual.

É necessário considerar que, para desenvolver habilidades de leitura e escrita, não basta apenas ficar falando sobre leitura/escrita ou apenas mandando o aluno ler e escrever sozinho, sem qualquer estratégia que o auxilie e estimule a melhorar seu desempenho. Ensinar a ler não é mandar ler, nem propor e escrever perguntas sobre o texto imposto com a atividade de sala de aula ou mesmo em exercício de interpretação no “para casa” e depois corrigir apenas as respostas que muitas vezes estão no livro do professor.

Ensinar a ler, entre muitas estratégias e ações, é levar o aluno a relacionar conhecimentos prévios ao assunto do texto e de suas experiências de vida, inclusive experiências de outras leituras. O professor, antes de indicar leituras para o aluno fazer, deve escutar o que o aluno tem a falar sobre as experiências vividas por ele, o que ele gosta e vivencia. Assim, o aluno se sentirá valorizado e o professor terá ferramentas para avaliar as leituras mais indicadas, mais significativas naquele contexto.

É importante levar o aluno a perceber os implícitos e a linha de raciocínio que sustenta cada texto e a descobrir a ação do texto e sua finalidade. Ensinar a ler é identificar as marcas de intencionalidade e os efeitos de sentido pretendidos, bem como o locutor e a variação linguística. Ensinar a ler é, antes de tudo, formar sujeitos leitores, críticos, ativos, argumentadores, que descubram a importância do hábito de ler. Neste processo, o professor pode ser um bom companheiro de viagens. Nestas viagens, vale dizer que nem sempre é o racional que impera. Quando alguém se lança profundamente em uma leitura, dependendo do gênero textual, são várias as possibilidades de experiências no fruir do texto. Vejamos alguns tipos de leituras possíveis.

2.6. Tipos de leituras

Ler é também ver. Cada texto pede uma leitura diferente, já que o leitor não usa sempre os mesmos modos de ler. Por isso, é importante que os alunos conheçam os textos para que fiquem por dentro do conteúdo, da forma, a organização particular dada aos recursos linguísticos de cada uma delas, seu funcionamento social. Isto é, uma notícia não é lida do mesmo modo que um poema, uma crônica, ou uma simples sinopse de filme.

Dar sentido a um texto ou livro depende do autor, da situação em que foi escrito e do leitor que lê, visto que cada vez que o leitor refizer a leitura fará outras e tantas outras leituras, porque suas concepções e circunstâncias serão diferentes, pois vai depender do tipo de leitura que será realizada. Martins (1984, p.80-81) relaciona alguns tipos de leitura, que descreveremos a seguir.

2.6.1 A leitura sensorial

Os referenciais para esse tipo de leitura são os órgãos do sentido: visão, tato, audição, olfato e paladar, essa leitura nos acompanha por toda a vida, pois lemos tudo o que está ao

nosso redor, músicas, imagens, cheiros, símbolos, gestos. Lemos também, o livro que tem além do escrito a forma, a cor, a textura, o volume, as imagens da capa, sendo um objeto palpável que passa pelos nossos sentidos, indo para além da compreensão. Essa leitura perpassa para o leitor marcas definidas através dos sentido, para o bem ou para o mal, ou seja, para voltarmos a lê-la ou esquecê-la para sempre.

A leitura sensorial não necessita que ninguém a ensine, porque os sentidos já obrigam fazê-la, para se compreender e se comunicar em determinadas situações e espaços, basta apenas a leitura sensorial. É o que acontece com os surdos-mudos, eles não falam o que sentem e querem, porém, demonstrar em suas ações, atitudes e sentimentos, isso comprova a leitura sensorial do que eles podem fazer.

2.6.2 A leitura emocional

É uma leitura feita por sentimentos, por uma escolha subjetiva. É a mais comum e que incita mais prazer, por isso, é menos valorizada. E isto acontece porque a leitura nasce com os nossos sentimentos, imaginações, fantasias, lava-nos de encontro às situações de nossa vida, às vezes, ajudando-nos a lidar com elas, ou mesmo mostrando-nos soluções para aqueles problemas que ora pensamos não ter soluções.

Essa leitura marca momentos, pois há identificações com o que foi lido. Ela requer disponibilidades e aceitabilidades do que vem de fora, para aceitar essa outra que vai fazer parte da história.

Nessa leitura o leitor lê sem se perguntar como o texto foi feito, sem buscar finalidades e objetivos, transformando-a em uma “fuga” de algo. Tensões, frustrações, é uma leitura de “evasão”, na qual temos oportunidades de fugirmos da realidade, das circunstâncias e “entregarmo-nos” ao texto, como um refúgio de uma realidade insuportável. Essa leitura está nos romances, reportagens, novelas, revistas, etc., para muitos, ela não é valorizada por ser considerada por intelectuais, pejorativa, e até mesmo alienada, mas não deixa de ser uma distração para aquelas pessoas que vivem “viajando” através de seus pensamentos.

2.6.3 A leitura intelectual

Esta leitura é mais séria, correta, intelectualizada, considerada pela classe dominante. Esta leitura é direcionada para a elite, pensadores e críticos que ditam as normas de uma boa

leitura, diante disso, consideram a leitura sensorial e emocional irrelevante e ignorante, essa não deixam nenhuma aprendizagem para o desenvolvimento intelectual.

Na leitura intelectual, os leitores se mantêm distantes do texto, não interagem com ele, preferem as orientações estabelecidas através de regras que os individualizem no que dizem respeito a conhecimentos, ou seja, os leitores da leitura intelectual só admitem seus saberes, porquê acreditam que só eles tem educação formal, cultura elevada e visam meramente a percepção da estrutura do texto e das relações entre as partes que o compõem.

2.6.4 A leitura racional

Tem caráter reflexivo e dinâmico, é atualizada e referenciada. Ao mesmo tempo em que busca a realidade do texto lido, estabelece uma relação entre o leitor e a experiência pessoal, fazendo reflexão e reordenando o mundo, dando sentido ao texto e questionando a leitura, que abre possibilidades de leitura inter-relacionada com a realidade. De acordo com Martins (1984, p.80-81):

A leitura racional tende a ser prospectiva, à medida que a reflexão determina um passo à frente no raciocínio, isto é, transforma o conhecimento prévio em um novo conhecimento ou em novas questões, implica mais concretamente possibilidades de desenvolver o discernimento acerca do texto lido.

Esse tipo de leitura permite ao leitor uma compreensão maior do texto em si, permite uma familiaridade e conhecimento, é possível entender como se constrói o sentido e os sentidos, pelo conhecimento da estrutura textual que se referem as “linhas” para que o leitor compreenda o que leu. A leitura racional é mais exigente, porém, referindo-se aos quatro tipos de leitura, não existe uma hierarquia, embora, pelo amadurecimento de leitura, é comum a sociedade fazer divisões de leitura. O homem lê da mesma forma que ele vive, em um constante processo de interação entre sensação, emoção e pensamento. A leitura requer atenção especial para poder perceber suas potencialidades, sendo a leitura as possibilidades que se multiplicam, ampliando o conhecimento, as necessidades e exigências.

A circunstância, o momento, o objetivo que cada leitor tem determina muitas vezes o tipo de leitura necessária. Além do que existe sempre uma nova leitura e a cada vez que o leitor se aproxima do texto, dependendo da situação e da finalidade da leitura a ser feita e do momento do leitor.

É importante que os alunos experimentem os diversos tipos de leituras. Neste sentido, o trabalho com literatura infantil mostra-se bastante frutífero, considerando que muitas produções poéticas infantis e juvenis contemporâneas têm abarcado, além do que se diz, do tema em si, inúmeras experimentações sensoriais, seja pelo jogo com os sons das palavras, seja com o jogo espacial, contribuindo assim enormemente para se fazer do momento de leitura um momento de aprendizagem pautado no prazer e no lúdico.

3. LER E ESCREVER: UMA PROPOSTA PEDAGÓGICA NECESSÁRIA

No capítulo anterior, várias questões a partir da compreensão de leitura foram apresentadas, tais como a proposta de se alfabetizar letrando, o vínculo entre oralidade e letramento e a fusão dos diversos tipos de leitura no processo interpretativo. Cabe trazer agora, portanto, o foco para a escrita.

Trabalhar com os alunos considerando múltiplos usos da escrita na sociedade potencializa as possibilidades de refletir criticamente sobre as pessoas em nossa sociedade. Ao interpretar e produzir textos escritos em vários gêneros, o aluno é levado a ser indagado sobre quem escreve e em que situação escreve e com que intenção.

A escrita é considerada difícil por exigir normas, no entanto, professores fazendo leituras com os alunos e contando histórias e ouvindo as histórias deles, pode ser uma estratégia mais viável para que os alunos sintam vontade de escrever o que escutam e o que contaram, ou seja, eles produzindo textos reais sentirão prazer do que escreverem, algo que condiz com seus sentimentos, vivências e experiências.

Nesta direção, propomos um trabalho pedagógico que resgate a tradição popular, conforme apresentaremos a seguir.

3.1. A arte de contar histórias

O ato ou hábito de contar histórias não é nada atual, existe há muitos séculos, antes mesmo de termos escola e do surgimento da escrita e foi assim que memórias foram transmitidas vivas pelo tempo, salvas pelos narradores. Faz parte do ser humano narrar,

contar, fabular, fantasiar e criar. Hoje, os contadores de histórias deram lugar aos livros que narram histórias em silêncio sem público para ouvi-las e aplaudi-las.

O livro é um “objeto mágico” que nos transporta para qualquer lugar e nele cabe o mundo, assim desperta encantamento, emoção, curiosidade ao abriremos, pois se o amamos, eles ficam na memória e não nos deixam mais. Os livros são companheiros, amigos, orientadores, informadores, quando o lemos por prazer. Como também afirma Cunha (2008, p. 114): “[...] O prazer do livro lido, guardamos quase sempre, no segredo de nosso ciúme. A leitura de um livro não deve ser por obrigação somente, mas por prazerosa necessidade. [...] A leitura alimenta nossa inteligência”.

Em nossa cultura popular sempre tivemos a figura do contador de histórias: a avó, a mãe, o tio, um visitante, enfim, alguém que sabia e tinha jeito e sentimento para narrar fatos que enchiam de magia e sonhos a vida de todos nós. No entanto, atualmente, na sociedade contemporânea, chamada de moderna, informatizada, globalizada, a arte de contar histórias, ler e ouvir tem perdido sua força, seu encanto. O uso do computador tem distanciado crianças, adolescentes, jovens e mesmo adultos dos livros. A sociedade atual “caminha” num ritmo tão acelerado que tem tirado o tempo dos filhos com os pais, para falar e ouvir, dialogar, esse é um dos maiores problemas, o importante hoje é o virtual, o real está causando conflitos.

A influência da vida moderna tem tirado o livro do seu lugar preferencial, tendo destaque a propaganda, o computador, o rádio, a televisão, o jornal, e tantos outros meios de informações, comunicação e entretenimentos. Vivemos o mundo do descartável, em que o eterno dá lugar ao imediato.

Considerando o moderno, a escola também está mediando o “novo”, porque o próprio sistema educacional exige isso, ou seja, muitas escolas têm laboratórios de informática, de ciências, de robótica e sala com ferramentas digitais, e as que não têm são consideradas arcaicas. Falar em sala de aula sobre leitura em livros, na biblioteca, é considerado por muitos como algo ultrapassado, porque os alunos querem viver conectados com o mundo virtual. Não digo que isto não possa ser proveitoso, é claro que pode, desde que o uso tecnológico seja bem orientado. Não acho que a tecnologia deva anular a tradição, acho que ambos devem conviver, a tecnologia pode, inclusive, contribuir para o resgate da tradição. Mas como este não é o foco de nosso estudo, vale pensar algumas outras estratégias didáticas motivadoras.

3.2. Propostas de leitura e produção textual em sala de aula

A leitura aciona uma cadeia humana em direção à imaginação. (...) Lendo me ligo a todos aqueles que vierem antes de mim e projetaram o tempo em que vivo no que ele tem resistência à dor, à violência e à injustiça, isso porque, se no dia-a-dia eu ensino a viver o que tenho pela frente, o livro literário desenha para mim outra realidades, possíveis de acontecer e, portanto, verdadeiras (AGUIAR *apud* BALDI, 2010, p. 8).

A leitura nas séries iniciais tem como objetivo principal a formação de leitores. Deve-se variar e diversificar os textos, a modalidade de leitura, usos dos textos, os grupos, as situações, dinâmicas de trabalho a serem realizadas (individuais ou em grupos).

O planejamento é o fator que possibilita aos professores sistematizar seu trabalho com a leitura, desde a seleção criteriosa dos textos, livros até a organização das atividades de exploração e questionamentos a respeito das leituras, caso contrário, o professor irá se deparar com problemas.

O acervo de livros na escola é fundamental, pois este deve estar sempre preparado para receber os alunos e os professores como um espaço aconchegante, limpo, alegre, proporcionando momentos muito especiais de encontros, reencontros com autores preferidos ou textos, citando e mantendo uma relação de respeito e valorização pelo livro, pela leitura e pelo conhecimento em geral.

Então para isso acontecer com resultado positivo, é preciso que os professores planejem e direcionem os trabalhos para a leitura, porque se os professores querem um bom resultado, não cabe apenas ao profissional que cuida do acervo, mas também aos professores e alunos que desfrutam o máximo do que o acervo de livros lhes oferece.

Da mesma forma que o aluno deve gostar do texto ou do livro que lhe é indicado para leitura, a professora ou professor deve ter isso como determinante para aula de leitura, isto é, os professores devem gostar de ler e do que leem.

É importante que a escolha dos textos seja realizada pela equipe pedagógica, pois isto permite que a leitura desses textos seja socializada com as outras disciplinas. A leitura socializada também oportuniza o aluno a conhecer o “mundo” do outro, dos professores e dos demais que o cercam, bem como imaginar o espaço, o tempo em que está situado e as funções necessárias para ali estar.

3.2.1 Considerações gerais

Os professores precisam focar na leitura, não apenas em uma atividade escrita, mas nas conversas, debates, comparações, à medida que tudo isso acontece na sala de aula, confirma até que ponto os alunos estão sentindo o gosto pela leitura.

Para realizar uma boa seleção do material para leitura, o professor deve estar atento à qualidade do texto, também é fundamental que o professor conheça a obra e o autor para direcioná-lo à faixa etária mais adequada.

Através da leitura individualizada, para confirmar a compreensão, o professor pode organizar dramatizações, comentários orais, críticas, cartazes com imagens que representem o enredo da leitura etc. O esperado é que a leitura também sirva de reflexão para a própria vida.

A leitura de textos literários, quando é relacionada com outros textos e com a realidade próxima do leitor, torna-se mais fácil para o aluno fazer análise e reflexão da linguagem usada pelo autor.

É importante também que sejam incentivadas as leituras implícitas, que ficam nas entrelinhas, isto é um trabalho que deve ser orientado pelo professor, que já conhece a leitura, podendo abordar os alunos com questionamentos que façam referências a outras leituras já conhecidas por eles, por exemplo.

Outro fator de fundamental importância para a leitura é a motivação. Para despertá-la, é importante um aquecimento que faça a conexão com o texto que será lido em seguida, trazer à tona conhecimentos e questões sobre o tema ou o tipo de texto, apresentar o livro para os alunos, mostrando a capa, imagens, induzindo-os a ficarem bem curiosos com relação ao que vão ler. É interessante que a professor leia sempre com as crianças para que juntos percebam os aspectos que merecem serem pontuados, discutidos e analisados de acordo com as funções exercidas no texto.

O aprofundamento da leitura é necessário em todos os aspectos: exploração do vocabulário, exploração dos sentidos, exploração dos aspectos formais, as discussões orais sobre o tema ou título da leitura relacionando-o a conhecimentos e experiências. Com isso, o aluno se sente à vontade para produzir seu próprio texto.

É de fundamental importância conhecer os critérios para produzir um bom texto, mas, a priori, se o aluno não tiver conhecimento a respeito do que vai escrever, jamais ele produzirá um texto coeso e coerente, por isso, os professores, antes de ensinar o aluno a produzir texto, devem trabalhar muito a leitura, até os alunos compreenderem e saberem diferenciar a linguagem oral e a linguagem escrita em seus diversos gêneros.

Utilizar a leitura como fonte de prazer e informação, ampliando e aperfeiçoando o repertório dos alunos com diferentes gêneros textuais, autores, recursos de linguagem,

ilustrações, produção de textos, construção de história do leitor, essas metas e ações servirão de “alimento” para tornar a leitura algo prazeroso em toda vida escolar dos alunos, bem como para abrir um “leque” de habilidades para obter informações e tê-las como competências básicas em sua formação educacional crítica, social e política.

Reforça-se que a intervenção dos professores é necessária para orientar, direcionar, focalizar, ampliar, esclarecer e enriquecer o olhar e a interpretação dos alunos em relação ao texto que está sendo trabalhado, auxiliando-os a verem outros aspectos de que não haviam se dado conta. O enfoque textual por gêneros discursivos contribui para que o aluno construa seu próprio conhecimento pautado no contexto em que se encontra inserido, conforme veremos no próximo tópico.

3.2.2 O enfoque por gêneros discursivos

Os gêneros discursivos são diferentes formas de enunciação oral ou escrita. São exemplos do gênero do discurso: atas, ofícios, cartas, e-mail, bilhetes telefônicos. São chamados gêneros primários aqueles das comunicações orais mais diretas e espontâneas. Os gêneros secundários possuem maior grau de formalidade e elaboração, e são geralmente escritos.

O contato com os textos da vida quotidiana, anúncios, avisos, e-mail, conversas telefônicas e de toda a ordem, artigos de jornais, revistas catálogos, bulas de medicamento, receitas médicas, guias turísticos e outros, exercita a nossa capacidade de conhecermos e sabermos averiguar se o texto é de caráter narrativo, descritivo, expositivo e/ou argumentativo.

Os diferentes textos orais e escritos possuem especificidades, ou seja, características que os distinguem um dos outros. Eles são produzidos para o interlocutor em uma determinada situação, com uma finalidade e uma intenção específica. Ao se analisar um texto é preciso perguntar para quem ele foi escrito, por que foi escrito, quem o escreveu, em que situação, onde e quando circulou.

Os professores devem permitir aos alunos terem contato com textos que se aproximem de situações reais, para que estes, por sua vez, identifiquem os gêneros e os tipos textuais que são necessários para se apropriarem tanto na produção escrita como na oral. Nós, professores, precisamos lançar mão de artifícios, estratégias, que tirem das crianças o máximo de

comunicação, através dela vamos ensinando às crianças a aprenderem os diversos gêneros textuais, os tipos textuais, proporcionando-as momentos de prazer na leitura e na produção escrita. Eis alguns exemplos de situações que podemos promover e a partir das quais podemos desenvolver o ensino-aprendizagem por gêneros discursivos: dar oportunidades para as crianças criarem suas histórias, contando o que ouviram dos adultos, a conversa que tiveram com os pais, o que gostam de comer, o que querem conhecer etc. Enfim, são diversas situações comunicacionais que nos levam a ter contato com os diferentes gêneros textuais e a conhecer a variedade de tipos de textos que existem no processo de comunicação da linguagem, o que deve ser sempre resgatado e valorizado pelo professor. Optamos por focar o gênero poesia infantil por acreditarmos que este promove a aproximação com o universo criativo da criança.

3.2.2 O gênero *poesia infantil* e sua diversidade

De acordo com Cortez e Rodrigues (2009, p. 80-81), a poesia voltada ao público infantil está ligada à tradição lírica. O gênero lírico expressa emoções, sentimentos íntimos, tudo isso tem a ver com a infância, etapa da vida em que se fantasia, se faz uso da imaginação e tudo é brincadeira, enfim, o gênero lírico permite ao ser humano pensar e sentir individualmente o social.

A variedade de gêneros acontece de acordo com a concepção e ideologia de cada autor, tempo e espaço. Com isso podemos dizer que as formas de composições mudam, atualizam-se. Ao falarmos em gênero poético infantil na escola de hoje, nós precisamos considerar as composições, as características dos autores de épocas passadas e entender o movimento que vem empreendendo a poética infantil.

Nos anos 60, Olavo Bilac começa a escrita voltada para o público infantil, ressaltando dois aspectos: a estética formal da poesia e o compromisso com a pedagogia; já com relação à poesia da década de 80, Turchi (1995) destaca uma maior presença do lúdico, o poema com temática narrativa e “a prosa poética que sem estar presa ao verso, se constrói a partir de imagens poéticas”. (p. 156).

Vale destacar, entretanto, que o folclore foi, é e sempre será o foco das narrativas populares, que devem ser contadas sempre conforme o tempo e o espaço. Assim a poesia pode ser reinventada.

Juan Cervera (1991) distingue três grandes grupos na poesia para criança: lírico, narrativo e lúdico, esse último é o que mais absorve as novas propostas estéticas do modernismo, ele permite que as crianças brinquem, cantem e, sobretudo, entendam a importância que as cantigas populares, as trovas e quadras tiveram em épocas passadas, podendo ser reinventadas hoje com sucesso. Um exemplo que ilustra bem esta afirmação é o poema *Paraíso* (2000) de José Paulo Paes (1926-1998):

Paraíso
 Se esta rua fosse minha
 Eu mandava ladrilhar
 Não para automóvel matar gente
 Mas para criança brincar.

Se esta mata fosse minha
 Eu não deixava derrubar
 Se cortarem todas as árvores
 Onde é que os pássaros vão morar?

Se este rio fosse meu
 Eu não deixava poluir
 Joguem esgoto noutra parte
 Que os peixes moram aqui.

Se este mundo fosse meu
 Eu fazia tantas mudanças
 Que ele seria um paraíso
 De bichos, plantas e crianças.

Este poema remete-nos a uma cantiga popular que muitos cantaram e ainda cantam para brincar com as crianças, só que esta nova versão traz uma visão crítica, narra o pensamento, as ideias a respeito da realidade atual a partir de uma voz infantil consciente.

O popular também se faz presente na poesia infantil contemporânea a partir de trava-línguas, parlendas, adivinhas, em que predominam o jogo verbal, isto é, prevalece o movimento que a palavra sugere ao leitor, o significante fica acima do significado. O lúdico acontece no jogo corporal, então a poesia torna-se uma brincadeira. Citamos alguns versos do poema *Esconde – esconde* (Camargo, 2007, p. 14-15) onde percebemos que se busca dar o movimento da brincadeira que intitula o poema:

Um, dois , três
 Quatro, cinco, seis
 Não vou contar outra vez.

Esconde, esconde
Esconde o conde
Dentro do bonde.

A parlenda é formada de versos curtos e simples que contam histórias para crianças cantarem, recitarem, já a adivinha exige uma participação mais ativa na brincadeira. De qualquer modo, em ambos os casos, o leitor é convidado a participar do jogo poético. Vejamos alguns exemplos de versos que formam parlenda e adivinha:

Vem de Santa Catarina
E mora naquela esquina
Numa casa pequenina
De janela com cortina
E um quintal com piscina.
(Ciça, 2009, p. 18-19. Poema “Albertina é uma menina”)

Uma adivinha

Não é fácil a adivinha
Só responde se puder
Agora preste atenção E
diga o que é o que é?
Ninguém sabe como nasce
Não dá pra pegar na mão
Ninguém vê, mas vale
ouro E mora no coração.
(Azevedo, 2002, p. 30)

As variantes de gênero anedota e lenga-lenga são gêneros também marcados pelo lúdico. A anedota é apresentada em forma de quartetos e é comum às letras de músicas populares por causa das rimas que provocam musicalidade, bem como é de fácil memorização. O gênero lenga-lenga tem seus versos dispostos em quintetos e tem como característica principal a definição das próprias coisas. Limeriques e Haicais são gêneros recentes na leitura infantil. Limerique é um poema curto, tem sempre cinco versos, narra coisas malucas de forma lúdica, enquanto haicai é um gênero poético com apenas três versos de dezessete sílabas com temas da natureza, que descreve principalmente animais.

Existem ainda os poemas cinéticos, que usam os recursos visuais que permitem o leitor movimentar seus olhos durante a leitura e descobrir através do movimento verbal a imagem representada. Sobre isso, comenta Guimarães (2005, p. 202):

Na década de 1950, aliás, os poetas do grupo concretista foram os primeiros a perceber, entre nós, as múltiplas possibilidades de experimentações poéticas que as novas tecnologias viriam a oferecer. Ao ver que poderiam confrontar múltiplas linguagens em seus poemas, isto é, o verbal, o visual, o vocal, o sonoro e/ou ruídos,

mergulharam em um campo totalmente inexplorado e anterior aos computadores com recursos gráficos.

Conhecer e explorar a multiplicidade artística da poesia infantil permite ao professor investir em estratégias para desenvolver com seus alunos os diferentes tipos de leitura mencionados anteriormente. É interessante promover o lúdico, o jogo, assim é possível desenvolver a capacidade criativa dos alunos envolvendo-os. Aliar o prazer à leitura certamente contribui para o trabalho em sala de aula.

Se a criança se comunica com as palavras brincando, por causa dos sons, ritmos, ela é capaz de se expressar de maneira lúdica com outras palavras provocando os mesmos sons e ritmos, bem como relacioná-los à vida real através de desenhos.

Assim, podemos afirmar que a poesia infantil é um gênero bastante rico para ser explorado na escola. Considerando que sua multiplicidade possibilita o jogo criativo, a diversão, a sensibilidade, o diálogo, o questionamento, contribui significativamente para a ampliação e aprofundamento das habilidades dos diversos tipos de leitura e, conseqüentemente, de escrita.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao finalizar este trabalho, pode-se dizer que a leitura e a escrita têm um papel relevante na vida do educando. Entretanto, a formação de bons leitores e escritores precisa ser um compromisso de todas as instituições de ensino, em especial para os educadores.

Na minha prática pedagógica, reforço a necessidade de meu empenho com mais dedicação no que diz respeito ao planejamento das atividades para as aulas de leitura e produção, já que a leitura e a escrita são os principais pontos que norteiam a formação dos seres humanos na sociedade atual. Então, como se trata de uma prática social complexa, difícil de ensinar, se a escola pretende converter a leitura em objeto de aprendizagem, deve preservar sua natureza e sua complexidade, sem descaracterizá-la.

O educador, fazendo uma mediação entre ler e escrever, com certeza vai conseguir resultados positivos no desempenho de seu trabalho e em especial contribuirá com a melhoria do processo ensino/aprendizagem dos educandos.

Almejamos que instituição de ensino e, em especial, professores conscientes dos desafios com relação ao ensino/aprendizagem da leitura e da escrita dos alunos saibam encontrar pontos estratégicos na sua prática pedagógica que provoquem mudanças no fracasso escolar resultante do baixo nível de leitura e escrita.

São muitos os desafios que nós, educadores, temos que enfrentar. Portanto, educadores que trabalham nas séries iniciais do ensino fundamental precisam repensar nas habilidades e competências com relação à leitura e à escrita, em suas práticas pedagógicas para que concretize o objetivo almejado, que é formar leitores e escritores capazes e críticos em todo contexto social. Com a presente monografia, apontamos alguns direcionamentos possíveis.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICA

AGUIAR, Vera Teixeira. 2007, apud BALDE, Elizabeth, 2010, p. 08.

BAKHTIH, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo, Hucitec, 1990.

COELHO, Betty. **Contar Histórias: uma arte sem idade**. 4ª ed. São Paulo, Ática, 1991.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler, em três artigos que se completam**. 7ª ed. São Paulo. Cortez/Campinas. Autores Associados, 1984.

_____ **Pedagogia da Esperança**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1994.

_____ **Educação como Prática de Liberdade**. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1979.

GARCIA, Edson Gabriel. **A Leitura na escola do 1º grau: por uma outra leitura da leitura**. São Paulo, Loyola, 1992.

GERALDI, João Wanderley. (org). **O texto na sala de aula: Leitura e Produção**, Cascavel, Assoaste, 1984.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção Textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo. Parábola, 2008.

SOARES, Magda. **Português na Escola. História de uma disciplina curricular**. IN. BAGNO, Marcos (org) **Linguística da Norma**. São Paulo. Loyola, 2002 – p. 155-177.